



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO EDUCACIONAL OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

JOSEILTO RIBEIRO DA SILVA

A escrita que dá espaço: Eudésia Vieira e a imprensa em 1920

**GUARABIRA-PB
2012**

JOSEILTO RIBEIRO DA SILVA

A escrita que dá espaço: Eudésia Vieira e a imprensa em 1920

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª Dra Alômia Abrantes.

**GUARABIRA-PB
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S587e

Silva, Joseilto Ribeiro da

A escrita que dá espaço: Eudésia Vieira e a
imprensa em 1920 / Joseilto Ribeiro da Silva. –
Guarabira: UEPB, 2012.

16f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr. Alômia Abrantes.

1. Mulher 2. Imprensa 3. Modernidade
I. Título

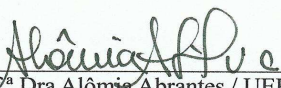
22.ed. CDD 305.4

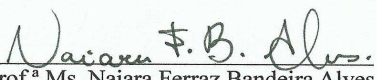
JOSEILTO RIBEIRO DA SILVA

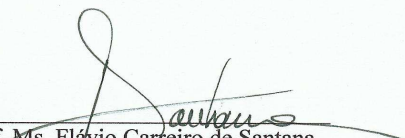
A escrita que dá espaço: Eudésia Vieira e a imprensa em 1920

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovada em 06/12/2012.


Prof.^a Dra Alômia Abrantes / UEPB
Orientadora


Prof.^a Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves
Examinadora


Prof. Ms. Flávio Carreiro de Santana
Examinador

A escrita que dá espaço: Eudésia Vieira e a imprensa em 1920

Joseilto Ribeiro da Silva¹

Resumo:

Este trabalho volta-se para o contexto histórico do início do século XX, na Paraíba, procurando discutir a inserção das mulheres nos espaços públicos, movimento este que está atrelado às mudanças enunciadas pela modernidade. Nesse contexto, Eudésia Vieira é uma figura emblemática e central em nosso trabalho, visto que ela vai incorporar o espírito da onda emancipatória, porém, vai utilizar de certas estratégias para se consolidar no espaço público. Um dos caminhos utilizados por ela, certo de ser um dos mais importantes, será a imprensa escrita, que por meio deste ela vai expressando suas ideias e fixando-se no espaço público.

Palavras-chave: Modernidade. Mulheres. Eudésia Vieira. Escrita. Imprensa. *A Mulher*.

Introdução

Durante os anos de estudo na Universidade, vivenciamos muitas coisas nesse lugar de produção do conhecimento e de cultura, no entanto, os desejos e afinidades por certas temáticas foram se enraizando desde cedo. O desejo de trabalhar no contexto da História da Paraíba não é de hoje. Soma-se a isso, a possibilidade vislumbrada de poder dedicar-se às questões de gênero, de um espaço que admiro (o Estado da Paraíba), e de uma temporalidade tão peculiar como a segunda década do século XX. Assim motivados, procuramos discutir aqui a inserção das mulheres nos espaços públicos uma vez percebido que, esse movimento, está atrelado às mudanças enunciadas pela modernidade, especialmente no que diz respeito ao uso da imprensa. Nesse percurso, deparamos-nos mais de perto com a trajetória de uma mulher em particular: a professora, médica e escritora Eudésia Vieira, que ao nosso olhar parece bastante representativa das mudanças, conflitos e desafios então vividos por muitas naquele contexto.

Assenta elucidar que gênero, aqui, é idealizado como uma construção social e cultural que especifica comportamentos e atitudes conferidas ao masculino e feminino. Busca-se compreender os papéis que cada um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles. Para Scott (1992): “a emergência da história das mulheres como um campo de

¹ Aluno do curso de Licenciatura Plena em História, turma 2007.1, pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, na cidade de Guarabira/PB.

estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise”². Em seus argumentos, Joan Scott conceitua gênero como uma criação oposta a um determinismo biológico nas relações entre os sexos. Essa relação passa a ser fundamentalmente social. Dessa forma, gênero tem a função de dar reciprocidade entre homens e mulheres, ambos, não podendo ser entendidos separadamente. Logo, para nosso trabalho, homens e mulheres têm seus papéis definidos no jogo político da construção histórica. No entanto, gênero propiciará diferente visibilidade à luta feminina que ainda está sendo, além de tudo, uma busca de construir novos valores sociais, nova moral e nova cultura. É uma luta pela democracia, que teve a pretensão de nascer da igualdade entre homens e mulheres e evoluir para a igualdade entre todos os homens.

Nesse itinerário, deparo-me com a mulher, historiadora, escritora, futura médica e paraibana Eudésia de Carvalho Vieira³, que nasceu, protagonizou um modo de viver diferenciado e morreu em nosso estado paraibano.

Na base teórico-metodológica, a Nova História Cultural nos propicia possibilidades de ampliação das fontes. Para Sandra Pesavento (2005), a condição de poder utilizar-se de diversos objetos como fontes de pesquisa, ocorre a partir de acontecimentos tais como:

[...] nos anos 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do vietnã, ascensão do feminismo, o surgimento da *New Left*, em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz no mundo pós-guerra. Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História. (PESAVENTO, 2005, p. 8).

Destarte, é perceptível que a prática da história desde algum tempo tomou um novo rumo. O fazer historiográfico, por exemplo, pela corrente de pensamento positivista, que baseava suas análises em perspectivas deterministas e paradigmáticas que tendiam a uma história total, advertindo o historiador que a história só seria feita por intermédio de uma variedade de documentos oficiais escritos - os fatos mais importantes -, seguindo uma ordem cronológica e linear de apreensão do tempo e descrevendo esses fatos como a perspectiva de

² Para entender melhor, ver SCOTT, Joan. 1992, p. 63-67

³ Eudésia de Carvalho Vieira, nascida em 08/04/1894, no povoado de Livramento em Santa Rita/PB, era filha de Pedro Celestino Vieira e de Rita Filomena de Carvalho Vieira; em 1911, concluiu o curso de professora pela Escola Normal na capital Parahyba do Norte; No ano de 1934 formou-se em Medicina, na Faculdade de Medicina do Recife. Na capital paraibana, instalou consultório em sua residência, a Rua Duque de Caxias (onde hoje funciona a Galeria Jardim) onde passou a atender e dedicar-se à sua clientela, nas áreas de ginecologia e obstetrícia; seu falecimento se deu no ano de 1981. (SALES E SILVA, 2008, p. 22e 24).

reviver o passado real da humanidade já não está mais sendo uma linha de pensamento irrefutável. Desde as últimas décadas do século XX, o recurso às imagens, aos textos e às ações passou a ter um lugar de evidência no entendimento e interpretação do passado e, assim, a literatura, os depoimentos orais, as correspondências pessoais, o jornal, os periódicos ou qualquer vestígio da passagem do homem sobre a terra poderá assumir o estatuto de fonte.

Com essa ampliação das fontes, abre-se um leque de possibilidades para suscitar novas perguntas, expor aqueles aspectos não expostos anteriormente, fazer com que possa revelar a participação de agentes sociais, antes esquecidos, na construção da história, em nosso caso, da História da Mulher na Paraíba. história essa que foi mudando ao longo do século XX. Para Michelle Perrot (2007):

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas e culturais. (PERROT, 2007, p. 15-16).

Aqui, efetivamente, passo a explorar a escrita e aspectos da vida de Eudésia Vieira em “comparação” a outras escritas e, de que forma, ela se inscreve na sociedade, visto os modos estabelecidos à época. Em um período que se inicia movimentos femininos emancipatórios, analisa-se como esta mulher percebe e se percebe no contexto social, político e cultural através da construção e exposição de textos escritos, visto que em meio às várias funções sociais da escrita, uma delas diz respeito à divulgação de ideias, à difusão de uma ideologia, à disseminação de um modo de ler e perceber o mundo, a sociedade e os valores dominantes.

A partir dos anos de 1920, as transformações comportamentais e a adoção de novos hábitos, mudanças que se iniciam com a Proclamação da República começam a se consolidar. As transformações que reconfiguravam o espaço urbano, trouxeram consigo a possibilidade de emancipação das mulheres. Estas, a partir de agora, começam a transitar entre o espaço privado do lar e o espaço público das ruas e passeios. Numa proporção consideravelmente crescente, as mulheres adquirem maior visibilidade no espaço público. Vale salientar que essas mulheres que agora se inserem nesses movimentos emancipatórios, são principalmente aquelas provenientes das classes médias e altas urbanas. As classes menos favorecidas na Paraíba, por exemplo, segundo Joffily (1983), se caracterizavam de maneira que “[...] a mulher e a criança, a partir de dez ou doze anos, [...] eram recrutados para o serviço

profissional, doméstico ou em oficinas, lojas e armazéns”. (JOFFILY, 1983, p. 34).

Apesar das mulheres, principalmente das classes média e alta na Paraíba conquistarem a possibilidade de inserção no espaço público, para Mello (2002):

A agitação cultural dos anos Vinte expressava ascensão de classe média que não viria destruir o patriarcalismo oligarca. Antes se comporia com ele. Em outras palavras, a pequena-burguesia de vivências urbanas não era revolucionária, mas reformista e, quando muito, radical [...]. (MELLO, 2002, p. 170).

Deve-se ter a noção que nem tudo que a modernidade trouxe consigo, foi assimilado de imediato, que pudesse, assim, criar em breve uma consciência revolucionária. Para a sociedade, ainda muito enraizada aos pensamentos patriarcais, aquelas transformações comportamentais não eram vistas com bons olhos. Segundo Joffily (1983):

Os padrões masculinos da época ainda apresentavam resíduos de uma sociedade semicolonial dividida entre escravos e latifundiários, resíduos que se refletiam num mercado de trabalho rudimentar e incipiente. Basta lembrar que das quarenta cidades do Estado, talvez só a metade dispunha de energia elétrica e ainda assim em precárias condições. (JOFFILY, 1983, p. 32).

Visto que as mulheres estão estritamente marcadas pelo signo da inferioridade até então, mesmo com a propagação dos ideais de modernidade, o mercado de trabalho aberto para as mulheres ficou restrito a atividades relacionadas às prendas domésticas e ao magistério. Jean Jacques Rosseau, filósofo Iluminista do século XVIII, em obras como *Emílio ou da Educação*⁴ (1762), no quinto capítulo, já expunha uma posição de inferioridade do ser feminino, quando trata de Sofia, a mulher ideal e futura esposa de Emílio. A mulher defenderia a função de ser boa mãe, servir e agradar o homem, não pensar e não agir. Logo, a sociedade das primeiras décadas do século XX ainda definia como perfil feminino, atribuições tidas como intrínsecas e naturais como cuidar, acompanhar e fazer trabalhos manuais.

A justificação desse perfil feminino é alimentada pelas alegações sociais que criticam um novo comportamento tido pelas mulheres. Os argumentos são os mais variados possíveis, passando desde uma inabilidade dos homens para cuidarem dos filhos, de uma dimensão sacra das mulheres através da maternidade, da falta de capacidade intelectual da mulher para a esfera pública até uma masculinização da mulher que exige seus direitos. Havia um temor no

⁴ Dentre alguns textos lidos que expunham à visão de Rosseau quanto à condição de inferioridade feminina, cito o quinto capítulo do livro *Emílio ou da Educação* (1762) do qual tive contato a alguns trechos através do artigo de FAVERETTO, J.B. *Emílio e Sofia, uma sociedade perfeita*. In: Seminário sobre a primeira parte do Livro V de "Emílio ou Da Educação" de Jean Jacques Rousseau. Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/esof/filosofia/seminariolivro5-1.htm>>. Acesso em 18 de novembro de 2012.

imaginário social de que a mulher fosse ocupar o lugar do homem na esfera pública, o que, por conseguinte, viria estabelecer uma substituição daquela por este no espaço privado. No Ocidente, observa-se a ocorrência da desvalorização do ser feminino que, segundo Perrot (2007, p. 11), “no século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais”.

Essas construções de um perfil feminino cerraram por muito tempo a possibilidade das mulheres adentrarem nos espaços públicos. A educação que será oferecida as mulheres mais abastadas, especialmente após a Proclamação da República, amadurecera as ideias de como se inserir naqueles espaços públicos, até então interditados a elas como foi o caso da imprensa.

Mulheres e a imprensa

Desde os últimos anos do século XIX, algumas mulheres brasileiras já se arriscavam em solo desconhecido, ou ao menos, pouco visitado por elas, a saber, o da escrita impressa⁵. No Estado da Paraíba, podemos dizer que esse processo se faz com um pouco de atraso, tendo em vista que praticamente tudo que se relaciona com a modernidade chegara com atraso em solo paraibano. Mas chegou. Nas primeiras décadas do século XX, em especial nos idos de 1920, algumas mulheres vão expor e se expor por meio da escrita impressa. Para tanto, se fazia necessária para que as mulheres pudessem entrar em tal campo – dessa escrita impressa, certa educação institucionalizada⁶.

No entanto, no que concerne a questão da educação feminina, propagava-se desde muito tempo que à mulher devia ser ministrada uma educação elementar de bases rígidas. A nova sociedade, transformada pela República e pela modernidade, exigia uma mulher com aptidões para educar o homem que nascia em meio a tais transformações. Logo, a educação feminina se dava inicialmente na esfera doméstica, tida como algo essencial para sua formação, e se estendia à instituição educacional, com a finalidade de formar a mulher para o magistério ou para ser uma boa dona de casa. Não tinha a pretensão de que as mulheres tivessem uma formação acadêmica que se pautasse em disciplinas científicas. Havia

⁵ Alômia Abrantes, no seu artigo **Escritas e inscritis: mulheres na imprensa dos anos 1920**. In: ABRANTES, Alômia; NETO, Martinho Guedes dos Santos (orgs). *Outras Histórias: Cultura e Poder na Paraíba (1889-1930)*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010, p. 89-113, nos apresenta de forma clara essa ideia da entrada das mulheres na escrita impressa.

⁶ Não bastava apenas a educação informal recebida em casa para poder adentrar no campo da imprensa. A Escola Normal, pode-se concluir, foi o exemplo de instituição que fornecerá educação às mulheres, partindo de um letramento e culminando em puericultura e alguns conceitos científicos de Psicologia.

disseminado um pensamento que o sexo feminino era demasiado frágil para assimilar tais conhecimentos que de tão elaborados à sua constituição intelectual, fazia-se desnecessário o seu domínio. Sendo o sexo um fator de discriminação social nas relações com o poder, à mulher caberia ocupar sempre um lugar inferior, ficando rebaixada a uma categoria inferior de cidadania, pensada pelo conhecimento como homem incompleto, modelagem inacabada, um segundo sexo, nos processos de interação social, político e cultural.

Nesse momento, a questão não é mais apenas educar os filhos ou as filhas dos senhores nas escolas magisteriais. Com a propagação moderna da urbanização, da industrialização, da moda, dos jornais, dos periódicos na Paraíba e em especial na Parahyba do Norte⁷, algumas mulheres começam a expor seus pensamentos, algo desejado desde algum tempo, mas abafado pela cultura patriarcal. O intuito, a partir da escrita nos jornais e/ou periódicos da época, é fazer com que as mulheres que se sentiam conectadas com as inovações, com as modificações socioculturais, possam saborear e comungar de ideias que até então não tinham um espaço, um canal para reverberar entre as mulheres. Muitas dessas mulheres se mostram, principalmente a partir da segunda década do século XX (1920), como não sendo criaturas frágeis, submissas, desprovidas de conceitos e passam a desejar expor e participar de forma mais intensa, se projetando publicamente no processo histórico social.

Um Ser: Eudésia Vieira

Nesse contexto, destaca-se Eudésia de Carvalho Vieira, que nasceu em 08 de abril de 1894 tendo como pais Rita Filomena de Carvalho Vieira e Pedro Celestino Vieira e natural do povoado Nossa Senhora do Livramento, município de Santa Rita/PB. Segundo Sales e Silva (2008, p. 21) foi grande “a admiração que Eudésia Vieira causou no cenário literário da Paraíba no começo do século XX. Mulher exemplar, plural, dotada de rara sensibilidade e inteligência”. Foi assim que Eudésia construiu uma carreira interdisciplinar⁸: professora, historiadora⁹, escritora, crítica literária, ensaísta e médica. De família rigidamente religiosa¹⁰,

⁷ Denominação da capital do Estado até a década de 1930.

⁸ Ver: SALES, Ana Maria Coutinho de; SILVA, Evanice dos Santos. Eudésia Vieira: rompendo o silêncio. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

⁹ Podemos destacá-la no cenário historiográfico, uma vez que, preocupada com o livro didático adotado nas escolas primárias, elaborou, publicou e conseguiu adotar nas escolas Oficiais do Estado dois livros: *Pontos de Histórias do Brasil e Terra dos Tabajaras*. O primeiro pensado para o universo infantil e o segundo versando sobre o processo de colonização do Estado da Paraíba.

protestante, converte-se ao catolicismo e alguns anos mais tarde torna-se devota de Nossa senhora de Fátima. Em 1911 é uma das formandas na Escola Normal Oficial da Paraíba e, em 1915 é admitida por meio de concurso público no magistério oficial. Em 1917 casa-se com José Taciano da Fonseca Jardim. É Mãe de cinco filhos. Mesmo diante das adversidades sociais e naturais, ela decide cursar medicina no estado vizinho de Pernambuco.

Para Sales e Silva (2008):

Eudésia foi a única mulher na turma a receber o grau de doutora e a primeira paraibana a conquistar o título pela Faculdade de Medicina de Recife, ali recebeu o diploma de doutora em ciências médicas e cirúrgicas, por ter sido a única que defendeu Tese de Doutorado (Síndrome de Schickelé) dentre os cinquenta e dois diplomados naquele ano de 1934. (SALES; SILVA, 2008, p. 22).

Instalou seu consultório em João Pessoa, dedicando-se as áreas de Ginecologia e Obstetrícia. Trabalhou também na Penitenciária Modelo, fazendo algo similar ao trabalho de assistente social. Ainda segundo Sales e Silva (2008 p. 22-23): “foi a mulher que mais publicou artigos em jornais e revistas da Paraíba no começo do século XX, incluindo o *Jornal Novenar* da Festa das Neves como colaboradora além do jornal *Gazeta do Recife*”. Acrescento aqui a importância do periódico *Era Nova*¹¹, fonte mais relevante da pesquisa e onde se encontra publicado o artigo *A Mulher* (1922).

Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano em 03 de junho de 1922, ocupando a cadeira de nº 04 (fundadora) tendo como patrono Heliodoro Pires. Em 1943, algo marcante a faz tornar-se devota de Nossa Senhora de Fátima, a saber, o torpedeamento do navio Afonso Pena, no qual ela estava presente e fazia uma viagem de navio entre Recife e o Rio de Janeiro. Foram momentos angustiantes que ela relata no livro *Torpedeamento do Afonso pena*¹². O mundo estava vivenciado a Segunda Guerra Mundial e o Brasil, como país aliado, tinha seu litoral vigiado por submarinos dos países do eixo, em especial os alemães e

¹⁰ As questões sobre religiosidade e conversão são tratadas no livro **D. Ulrico Sontag** (memória), encontrado nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP.

¹¹ A revista era nova circulou na Paraíba entre 1921 e 1926 registrando as transformações urbanas, as mudanças de comportamento e os novos discursos do feminino. Foi fundada por Severino Lucena na cidade de Bananeiras e brevemente passou a ser editada na capital, Parahyba do Norte.

¹² Podemos encontrar este livro nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, no entanto, ele não fez parte de minhas transcrições. No entanto, para saber mais sobre o assunto acesse: <http://tokdehistoria.wordpress.com/tag/eudesia-de-carvalho-vieira/>, ou leia **SALES**, Ana Maria C.; **SILVA**, Evanice dos Santos. Eudésia Vieira: rompendo o silêncio. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008, p. 79-88.

os italianos. Então, em 1943 na costa do estado da Bahia, o Regio Sommergibile Barbarigo, um submarino italiano espreitava os navios que por ali passavam. O Afonso Pena, navio que conduzia Eudésia Vieira e outras dezenas de pessoas para a capital federal, foi uma das vítimas dos italianos sendo afundado no dia 02 de março de 1943. Eudésia de forma dramática conseguiu se salvar. O surpreendente, e é isso que a faz tornar-se devota de Nossa Senhora de Fátima, são os momentos de sofrimento vividos por ela que não acarretam a morte para aquele momento. Primeiro, consegue sair da cabine na qual estava. Segundo, ao jogar-se ao mar consegue ser resgatada por pessoas que estava em uma balsa. Terceiro, depois de dois dias vagando em alto-mar, é resgatada por um navio-tanque da marinha norte-americana que avistou alguns dos sobreviventes.

Falece em 16 de julho de 1981, deixando vasto legado de produção nas mais diversas áreas do conhecimento. Está é a mulher que dentre tantas outras galgou alcançar patamares tido para a maioria como impossível para as mulheres.

A escrita que inscreve¹³

A modernidade, oriunda dos grandes centros da Europa (especialmente a França) nesses primeiros anos do século XX, chegara com maior intensidade e rapidez em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. São Paulo será o foco irradiador de modernização. Indústrias, urbanização, alterações no modo de pensar e agir marcará essa nova fase da sociedade. Na Paraíba, essas mudanças vão acostar-se *a posteriori*, em relação a outros centros e a sociedade vai exprimir certa repulsa, principalmente no tocante as mudanças no comportamento feminino:

as mulheres [...] apresentam um comportamento de temor e dúvida em relação a seus objetivos (comportamento esse condizente com a situação de secular opressão e total ausência de oportunidades), observa-se, paralelamente a essa atitude de medo, uma extrema coragem e ousadia em algumas de suas propostas. (DANTAS, 1995, P. 68)

No seio dessa sociedade com sentimentos contraditórios como medo e coragem é que vão surgir aquelas mulheres, a exemplo de Eudésia Vieira, que para a professora Anice Brito

¹³ Inscreve, aqui, está baseado nos estudos apresentados por Alômia Abrantes em: **SILVA**, Alômia Abrantes. **Escritas e inscritas: mulheres na imprensa dos anos 1920**. In: ABRANTES, Alômia; NETO, Martinho Guedes dos Santos (orgs). **Outras Histórias: culturas e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

Lira de Oliveira¹⁴, avançou “para além da linha divisória dos horizontes estabelecidos, demarcados por uma sociedade de acentuado autoritarismo e por uma cultura que via na literatura, uma atividade pouco adequada ao sexo feminino”. Pode-se inferir que o espaço da escrita impressa, durante tanto tempo interdita para as mulheres, deixa de ser um lugar exclusivamente masculino e passa a ter um tom feminino, mesmo que ainda homeopático. No entanto, cabe analisar - e é esse o interesse deste trabalho, quais os discursos que se desejam expor, afinal a onda de agitação de um feminismo nascente está se disseminando pelo mundo. Mas nem todas as mulheres, até este momento, assimilaram as propostas concretas desse movimento.

É, nesse sentido, que a figura de Eudésia de Carvalho Vieira é emblemática, quando nos primeiros anos da década de 1920, ao escrever para periódicos da época, escreve em 1922 o artigo intitulado *A Mulher*¹⁵ que foi publicado na Revista *Era Nova*. O artigo escrito por Eudésia e dedicado a seu marido José Jardim é emblemático em alguns pontos. Primeiro porque apresenta uma mulher a escrever na imprensa impressa que para Abrantes (2010):

a existência de uma “imprensa feminina” não se verifica então na Paraíba, já que não se encontra um número significativo de periódicos reservados exclusivamente ao que se considerava de interesse feminino, nem prioritariamente destinados a este público. Mas, sem dúvida, a feminilização é uma ocorrência que se torna visível em alguns, seja pelas seções e artigos, que tratam desses temas, seja pela inserção de textos assinados por mulheres [...] (ABRANTES, 2010. p. 92).

Assim ela escreve e inscreve-se em um contexto que vem mudando com todas essas ondas reformistas que buscam um lugar não de concorrência com o ser masculino, mas sim, de espaço, de liberdade para as mulheres atuarem igualitariamente com os homens. Sobre essa ideia de igualdade o filósofo Herbert Marcuse¹⁶ nos diz:

Acredito que a mulher tenha algumas qualidades diferentes das do homem. As mulheres têm mais receptividade e mais emocionalidade. É claro que essas qualidades não são naturais: elas foram criadas dentro de uma sociedade. Valem, contudo, como segunda natureza feminina, e como tal

¹⁴ A Professora Anice Brito Lira de Oliveira em 1985, no I Círculo de Estudos Literários sobre Autores da Paraíba, organizado pela Academia Paraibana de Letras e com apoio da Secretaria de Cultura, esporte e Turismo, realizou uma palestra destacando a produção poética de Eudésia Vieira. Ver SALES, Ana Maria C.; SILVA, Evanice dos Santos. **Eudésia Vieira: rompendo o silêncio**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008, p. 24.

¹⁵ A Mulher. Era Nova, 15/04/1922.

¹⁶ Herbert Marcuse em entrevista ao Jornal do Brasil, 02/09/1979 apud GOLDENBERG; TOSCANO, 1992, p. 64.

devem ser aproveitadas para transformar o mundo. O objetivo final a ser alcançado não deve ser apenas a igualdade perante o homem, e sim a libertação de todos os homens [...]. (MARCUSE, 1979 apud GOLDENBERG; TOSCANO, 1992, p.64).

Esses sentimentos de receptividade e emoção se fizeram presentes nos escritos de Eudésia Vieira para que fosse possível ter legitimação e difusão. O artigo de Eudésia Vieira tem a preocupação, como o título sugere, de falar sobre as mulheres desde a gênese até a sua atualidade (década de 1920). Com uma conotação sacra, ela enaltece a mulher primeira criada por “Jehovah” e companheira de Adão. No entanto, não consegue descrever na continuidade de seu texto, como essas criaturas tão sublimes, feitas para conviverem em perfeita harmonia entre si e com a natureza, passam a se tratarem como seres antagonicos. A partir de certo momento, não descrito especificamente por ela, a mulher passa a uma condição de submissão perante o homem.

Eudésia Vieira, contemporânea das modificações socioculturais latentes, apesar de sua emancipação, que para a professora Anice Oliveira Eudésia foi “uma vanguardista quanto a sua posição social e quanto a mulher ferindo preconceitos sexistas tradicionalistas que imperavam no início do século”, ao escrever o artigo em questão, está com a preocupação em não contrariar o homem para ter licença e legitimação, ao mesmo tempo em que cria uma nova mulher, uma simbiose da mulher educada para vida do lar com uma que surge interessada pela educação, pela saúde, pelo social e pela política; uma mulher diferenciada. Segundo ela, essa mulher:

...têm algo de varonil no seu character, na sua integridade moral. Cultivam a litteratura, praticam a equitação, occupam-se dos problemas sociais, interessam-se pelo progresso das sciencias e das artes, discutem assumptos religiosos e políticos, sem olvidar os outros deveres inherentes ao seu sexo. Em constituindo família, addicionam às suas práticas primitivas o desempenho da economia e medicina doméstica, dando à pátria filhos robustos, cidadãos prestimosos, cuidando ainda em augmentar honrosamente o patrimônio dos posteros. E’ a mulher independente, sempre alvejada pela maledicência dos invejosos. A Igreja dá-nos o exemplo desse typo de Mulher na pessoa admirável de Joana D’arc, a aldeã franceza... (*A Mulher. Era Nova*, 15/04/1922).

Essa “mulher adorável” tem, além das funções de mulher e mãe, uma responsabilidade com o Estado, com a intelectualidade e com a saúde. De certo modo, Eudésia Vieira tenta quebrar com o estigma produzido em torno do ser feminino, com um discurso cabível a época e que agradaria a muitas pessoas por ser inteligentemente comedido.

Pode-se dizer que seu texto, além do comedimento, é pautado também pela emoção. Essa ideia se baseia na questão de ainda ser muito difícil à produção e a inserção feminina

naquele cenário. Ainda se desejava uma aceitação masculina, que só viria quando se produzisse algo que também o agradasse. Para além do estereótipo criado por ela e para ela, também se preocupa em criar uma narrativa que dá características específicas aos outros tipos de mulheres que ela idealiza, diferentes de si.

Eudésia apresentou outros estereótipos para as mulheres da época, diferentes mulheres que, segundo ela, foram construídas pela sociedade. Com a nova mulher, ao mesmo tempo em que ela tenta quebrar com a figura secular da mulher incapaz, dando-a uma virilidade, ela deve, ainda, ser mãe, “preenchendo o fio primario a que o Creador a destinou - a perpetuidade da especie humana!!”. Não é fácil ir de encontro a algo que está estabelecido durante tanto tempo. Não teria condições, pela conjuntura sociocultural, a qual está inserida, de Eudésia Vieira ver-se como uma “suffragista”, que ela mesma a tem como:

uma revoltada que procura abafar seus padecimentos querendo não ser a companheira do homem, mas rival ou mesmo sua antagonista. Merece também compaixão. Foi a infelicidade que a impeliu a extravagância de proceder, para dest'arte abafar um sofrimento latente. (*A Mulher. Era Nova*, 15/04/1922).

Para ela, esse tipo de mulher movida pela infelicidade, pela decepção, em sua concepção, passa a querer ocupar o lugar do homem. Nesse momento, o seu discurso comunga com o pensamento masculino vigente, onde as sufragistas seriam aqueles seres antagônicos, que viriam para disputar com os homens os seus lugares. Eudésia não põe na conta que, nesse momento, no contexto global, com a industrialização, com a Primeira Guerra Mundial e outros fenômenos, as mulheres foram obrigadas aos poucos a se lançarem no mercado de trabalho adquirindo mais relevância nas discussões sociais do lugar de onde estavam inseridas. Ser sufragista não perpassa apenas pela luta por direito ao voto¹⁷, mas também, por todas as lutas por direito à educação, ao trabalho, à liberdade. Nota-se a falta de alargamento do conceito no entendimento por Eudésia Vieira. Esse discurso negativava a tentativa de reforma, ou melhor, de luta feminina por visibilidade e espaço e incendiava outras discussões ou dava margem para os escritores da época ridicularizarem o movimento feminista.

O conceito de sufragista utilizado por Eudésia ratifica a ideia difundida na época, de que as mulheres incorporavam o discurso dominante e atribuíam à mulher que lutava por seus direitos o rótulo de frustrada, entre outros, terminando por enquadrá-la no modelo não

¹⁷ Numa linha de pensamento mais fixa, as sufragistas conseguiram uma das maiores vitórias femininas, considerada por muitos estudiosos da área, ao longo dos tempos que foi o direito ao voto.

desejado de mulher. Essas mulheres, vistas pelas forças dominantes como ameaças a ordem estabelecida, eram marginalizadas e, esse ato, era legitimado pelo pensamento científico da época. Segundo Soihet (2004 p. 15) “a filosofia considerava que a inferioridade da razão entre as mulheres era fato incontestável, cabendo a elas apenas cultivá-la na medida necessária ao cumprimento de seus deveres naturais: obedecer ao marido e cuidar dos filhos”.

Em texto publicado no jornal *A União* em 1920, intitulado *A mulher na política*¹⁸, o autor¹⁹ apresenta a professora Ana Sirene que se faz presente na Paraíba, já que era uma paraibana radicada no Pará. Sirene tem destaque no texto do articulista por vir sobressaindo-se, com relação a outras mulheres, por ser aguerrida em prol das lutas e das conquistas das mulheres. O que torna interessante observar na sua fala é o desejo de que as mulheres não conquistem uma situação de liberdade, igualitária para homens e mulheres. Eis o trecho apresentado pelo articulista:

Está claro que não vou pleitear para mulher uma situação de liberdade igual à do homem. Ela precisa manter as suas normas de recato, procurando exercer uma atividade profissional tanto quanto possível compatível com a sua delicada situação nesse particular. Mas a verdade é que os maiores fatores de prostituição são estes: a ignorância da mulher e o seu aferrolhamento entre as quatro paredes do lar. (A MULHER NA POLÍTICA, Jornal A União, 1920, p.1)

Ana Sirene, em tom comedido, expõe a necessidade de educação e liberdade como direitos para as mulheres. No entanto, a mulher, para ela, tem características intrínsecas que a colocam em posição natural de desigualdade, a saber: delicadeza e recato. Essa outra escrita, apresenta um pensamento que foi exposto anterior ao de Eudésia, mas que de forma mais generalizada, marginalizava as mulheres deixando claro que elas serão marcadas para sempre como merecedoras de um lugar social diferente, inferior com relação ao homem. Eudésia comunga dessa ideia, porém, utiliza da sutileza para explicitar seu pensamento, a partir da criação dos modelos do ser feminino, como a sufragista.

Já que esses discursos, em especial o da sufragista de Eudésia Vieira, negativavam a luta feminina, ridicularizando o movimento feminista, eis um artigo publicado no jornal *A*

¹⁸ *A MULHER NA POLÍTICA. A União*, João Pessoa, p. 1. 20 maio 1920. O trecho aqui transcrito foi extraído do artigo intitulado: **O que se dizia das mulheres em 1920: textos publicados no jornal a união (PB)** de autoria de Maria Lúcia da Silva Nunes e Maria Arisnete Câmara de Moraes. Disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:zwbCovurf-AJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 20 de agosto de 2012.

¹⁹ Autor não é identificado pela fonte que apresenta o artigo.

União, intitulado *Feminismo*²⁰ de Samuel Duarte que satiriza a questão das lutas feministas:

Por uma ambição desmedida de mando, por um abuso de força, o homem sempre a conservou vítima, enclausurada no lar cuidando prosaicamente dos frutos de sua fecundidade, mortificada com deveres de cujo relaxamento ele dá o escandaloso exemplo. Posições de destaque na política, na diplomacia, na imprensa, o homem abocanhava-as, egoisticamente faminto, enquanto ela, a eterna escrava resignada, que se encarregue de lhe fazer o lar alegre, a vida feliz, os filhos bem arrançados, a ordem doméstica sem perturbações, isolada no insulamento das atividades caseiras, um calunga de borracha, automática e imbecil, para lhe acalmar as excitações nervosas e o frenesi da natureza exigente. Não! Começa hoje ela a perceber-se de tanta ignomínia, a compreender que não nasceu simplesmente para a missão de esposa e mãe (essa pieguice tão banalmente decantada pelo sentimentalismo ridículo e estragado de vinte gerações), nem deve viver pela vaidade de trazer pasmos canalhas e idiotas, com a impudicícia do decote, que dia a dia avança na ânsia de revelar a nudez. A mulher já está cansada de cerzir meias, dar ordens à criadagem, tocar valsas chorosas ao piano doméstico, animar crianças e passear submissamente ao braço do marido. Precisa alargar a esfera de sua influência na sociedade, romper definitivamente com os intransigentes, sedições preconceitos que desde vinte séculos a trazem aferrolhada dentro de quatro paredes, como numa jaula um animal perigoso. (DUARTE, 1922 p.2)

Nesse primeiro momento o autor chama a atenção do leitor, utilizando de argumentos lógicos para os sofrimentos femininos causados pelos homens. No entanto, o discurso será contraposto, no trecho a seguir, por uma negação ao projeto das mudanças feministas. A ascensão das mulheres, em seu discurso trará perigos à sociedade:

Sejamos imparciais, falemos sem reбуços. Esse tal feminismo é uma beleza de sistema. Imagine-se uma senhora numa cátedra de história natural, uma senhora deputada, uma senhora num concílio internacional, decidindo questões graves de diplomacia... [...] Terão oportunamente motivo os deuses imortais para fazer ressoar, através céus e terras, gargalhadas homéricas, que eles reservam para apreciar os sucessos mais burlescos do Universo, porque realmente seria desopilante o espetáculo que oferecerá a permuta de situações de tal natureza. Os curiosos que não aderirem ao feminismo, se por uma clemência da senhora encarregada de chefiar a polícia puderem respirar livremente, terão a deliciosa oportunidade de observar 'o homem-marida' em sua casa, cuidando dos arranjos domésticos, deitando os pimpolhos, puxando o carrinho aos pequenos trôpegos, fazendo crochê, pintando as faces, ou, de travesseiro às janelas, observando a chusma feminina que passa dos ministérios, das administrações, de outros centros burocráticos, fumando

²⁰ DUARTE, Samuel. *Feminismo*. *A União*, João Pessoa, p. 2. 17 maio 1922. Os trechos aqui transcritos foram extraídos do artigo intitulado: **O que se dizia das mulheres em 1920: textos publicados no jornal a união (PB)** de autoria de Maria Lúcia da Silva Nunes e Maria Arisnete Câmara de Moraes. Disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:zwbCovurf-AJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 20 de agosto de 2012.

charutos caros, ou no café defronte alagando-se de cerveja e conhaque. (DUARTE, 1922, p. 2)

Para Soihet (2004, p. 15) “ao se recusarem a restringir seu universo à maternidade e ao lar, desprezando suas funções naturais, essas mulheres de comportamento diferenciado seriam a fonte de todos os flagelos sociais”, até porque o entendimento de muitos era que essas mulheres queriam tomar os lugares dos homens. No entanto, nessa compreensão, não há lugar para os dois, a não ser dentro do que já está estabelecido como específico a cada um.

Pode-se pensar então, que o processo de inferiorização das mulheres está sim, relacionado ao modo como os homens veem as mulheres, mas há também um movimento mais complexo de permanência dentro das condições que os homens impunham desde muito antes. Logo a figura de mulher como ser frágil, incapaz física e mentalmente, sacralizada na figura da mãe, submissa é uma construção social na qual todos os sujeitos são construtores desses estereótipos para as mulheres.

Considerações finais

No Brasil, o início do século XX que vivera a República proclamada há poucos anos e com a inserção dos ideais de modernidade trouxe mudanças, que, na prática, não se estenderam a todas as mulheres, pois as mais favorecidas foram àquelas ligadas às altas classes sociais.

Na Paraíba, espaço permeado de uma consciência patriarcal, mulheres a exemplo de Eudésia de Carvalho Vieira, estavam embebidas no tocante as mudanças, ainda que as subjetivando com suas contradições. Ela mostrou-se sensível à necessidade das mulheres de terem liberdade para frequentar locais públicos, de terem um maior acesso à educação, de participarem, como é o seu caso, de espaços antes interditados para as mulheres, como o da imprensa. No entanto, a década de 1920 é um período de gestação de consciência emancipatório em um estado como a Paraíba. A própria Eudésia Vieira em 1922 não se vê como uma sufragista, lhe descrevendo similar ao discurso dominante que a caracterizava como um ser ameaçador. Essa forma de falar tem um tom de não transgressão para se chegar a algo necessário. Eudésia percebeu que não indo de encontro ao homem, legitimava seu discurso, apesar de vermos hoje que, em até certo ponto essa entonação negativava a luta emancipatória dando margem às críticas masculinas, mas gerou também um movimento que lhe permitiu transitar no espaço público. Podemos pensar que ela muitas das vezes não teve

condições estruturais de alargar sua percepção em suas pesquisas antes de escrever, mas com tom comedido, conseguiu se destacar diante das demais que também reclamavam publicamente o inconformismo que as mulheres sentiam por causa das restrições que lhes eram impostas pelos homens. Os anos de 1920 transformaram a percepção de Eudésia Vieira e de outras mulheres. Na década de 1930 ela tornou-se militante ativa das lutas pelos direitos das mulheres. Assim sendo, ao participar cada vez mais da vida pública, ao se tornar um ser envolvido nessa modernidade, ou seja, um sujeito desse contexto, Eudésia assim como tantas outras mulheres reivindicaram um reconhecimento de suas individualidades na pluralidade. Inevitavelmente quando se lançaram ao espaço público, não conseguiram voltar mais ao espaço privado sem modificações culturais e de consciência. Para Beto (2009)

É preciso mudar [...] a superestrutura cultural e psicológica da sociedade e, sobretudo, reinventar formas de produção e de exercício de poder que tenham as mulheres como sujeito. Enquanto o masculino for paradigma do feminino, este ideal não será alcançado, a menos que as mulheres descubram que elas próprias são o paradigma de si mesmas. (BETO, 2009. p. 24).

E foi esse o processo vivenciado nos anos de 1920 por mulheres como Eudésia Vieira, a transformação da mulher objeto para aquela que é sujeito na construção da sociedade moderna. Comungando desse pensamento, Eudésia Vieira ganhou visibilidade perante a sociedade como sujeito ativo, ocupando inteligentemente os espaços públicos e mostrando que a sociedade não poderia ser feita apenas por mulheres ou homens, mas sim, por um fazer recíproco onde todos são partes igualmente integrantes e atuantes dessa sociedade, merecendo direitos, deveres e respeito.

Referências:

BETO, Frei. **Marcas de batom: como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no mundo.** In: MACHADO, Charliton; SCHNEIDER, Liene. (orgs). *Mulheres no Brasil: resistência, lutas e conquistas.* 2ª Ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

DANTAS, Marluce O. **Em Busca da legitimação do discurso/estratégias para entrar em cena.** In: SIQUEIRA, Elizabeth A. Santos et al. *Um Discurso feminino possível: Pioneiras da Imprensa em Pernambuco (1830-1910).* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995, p. 68.

GOLDENBERG, Mirian; TOSCANO, Moema. **A revolução das mulheres.** Rio de Janeiro: Revan, 1992, p. 64.

JOFILLY, José. **Anayde: Paixão e morte na Revolução de 30.** Rio de Janeiro: Record, 1983.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: Lutas e resistência.** 7ª Ed. João Pessoa: A União, 2002, p. 170.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007, p. 09-39.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 08.

SALES, Ana Maria C.; SILVA, Evanice dos Santos. **Eudésia Vieira: rompendo o silêncio**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter. (org.) A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo, Unesp, 1992. p. 63-67.

SILVA, Alômia Abrantes. **Escritas e inscritis: mulheres na imprensa dos anos 1920**. In: ABRANTES, Alômia; NETO, Martinho Guedes dos Santos (orgs). **Outras Histórias: culturas e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

Periódicos:

AMULHER. Parahyba do Norte. Era Nova. 1921-1926.

BURITI, Iranilson. **Espaços de Eva: a mulher, a honra e a modernidade no Recife dos anos 20 (século xx)**. Revista História Hoje. São Paulo, nº 5, 2004.

SOIHET, Rachel. **Pisando no “sexo frágil”**. Nossa História, São Paulo, ano I, nº 3, p. 14-20, janeiro, 2004.

Em meio eletrônico:

ARAÚJO, Roberto Jorge Chaves. **Mulheres historiadoras e cidade: a integração urbana de mulheres através da escrita da história**. Disponível em: <http://eduep.uepb.edu.br/alpharrabios/v2-/pdf/mulheres_historiadores_e_cidades.pdf> Acesso em: 25 de agosto de 2012.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO. Eudésia Vieira. Disponível em: <http://www.ihgp.net/flavio_satiro.htm> Acesso em: 10 de abril de 2012.